

Instituto de arte e arquitetura

mn
ba

FERNANDO
GOLDGABER

14 a 31
de julho de 1964

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES
RIO DE JANEIRO BRASIL

FERNANDO GOLDGABER

MUNDO DA BAHIA

Sob os auspícios da Sociedade dos Amigos do
Museu Nacional de Belas Artes (AMBAR)
14 a 31 de julho de 1964

instituto de arte contemporânea

FERNANDO GOLDGABER nasceu no Rio de Janeiro, na velha Praça Onze, a 23 de setembro de 1926, filho de emigrantes judeus poloneses. Infância e juventude passadas em Niterói. Começou a fotografar em 1951, com os primeiros instantâneos para álbum de família. Participou de salões fotográficos nas cidades de Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Barretos, Jaú, Franca, São Bernardo do Campo, Barra Mansa, Nilópolis — no Brasil, e Necochea, Valparaíso, Leuven, no exterior; mas pela sua concepção fotográfica quase não concorre a salões.

Tomou parte nas I e II Bienais de Fotografia Brasileira, organizadas pela Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema (1960, 1962). Premiado em concursos fotográficos em 1953 (Departamento de Turismo da Prefeitura do Distrito Federal), 1958 (Concurso Internacional Flexaret, na Tchecoslováquia) e 1961 (Concurso Sylvania para um calendário sobre cidades brasileiras, organizado pela Grant Advertising SA, Concurso Jornal do Brasil para o «Dia das Mães»).

Suas fotos de crianças foram expostas na 11ª e na 12ª Exposições de Pintura de Crianças do curso de Ivan Serpa, no MAM do Rio de Janeiro (1962, 1963). E em 1963 realizou curso sobre «Orientação Visual na Fotografia», no MAM do Rio de Janeiro, com resultado não muito positivo.

Em junho do corrente ano participou da coletiva **Quatro Fotógrafos** na Galeria do IBEU, ao lado de José Oiticica Filho, Pedro Moraes e Sascha Harnisch.

Crítico e comentarista fotográfico para as revistas **Fotoarte** e **Foto-Cine**, membro da ABAF (Associação Brasileira de Arte Fotográfica) e do Foto Cine Clube Bandeirante, no Brasil, e da George Eastman House, Rochester, N.Y., USA, no exterior, faz fotografia sem caráter profissional (trabalha no comércio de exportação de produtos brasileiros), apesar de ter feito quase todos os gêneros, inclusive publicidade, teatro, documentário, fotografia científica e principalmente retrato.

É conservador honorário da recém-criada Divisão de Fotografia do Museu Nacional de Belas Artes, e **Mundo da Bahia** é sua primeira individual.



«MUNDO DA BAHIA» é o título da exposição de fotografias que Fernando Goldgaber faz, em julho de 1964, no Museu Nacional de Belas Artes.

Se há um assunto repetido e cansado, na monotonia invariável do pitoresco e do documental, é este de fotografias da Cidade do Salvador.

De tempos em tempos, surgem fotógrafos melhor dotados de sensibilidade estética e de percepção dos valores plásticos, e destes vêm os exemplos em que a velha e misteriosa cidade se permite revelada em seu mundo mais íntimo, humano e verdadeiro, grandioso em suas expressões dramáticas e despreocupado de sua tola atração turística.

Em verdade a Bahia não é monumental por sua aparência de ambiente exótico, porém pelo conteúdo de vida transferido das vicissitudes de sua gente aos objetos, no total que faz a cidade de muitas eras hoje esmagada e em decomposição em face de um progresso bastardo.

Por tal motivo tornou-se extremamente difícil, aos artistas, a interpretação da verdadeira Bahia, além da aparência periférica de seu pitoresco, elegância e graciosidade. O caminho

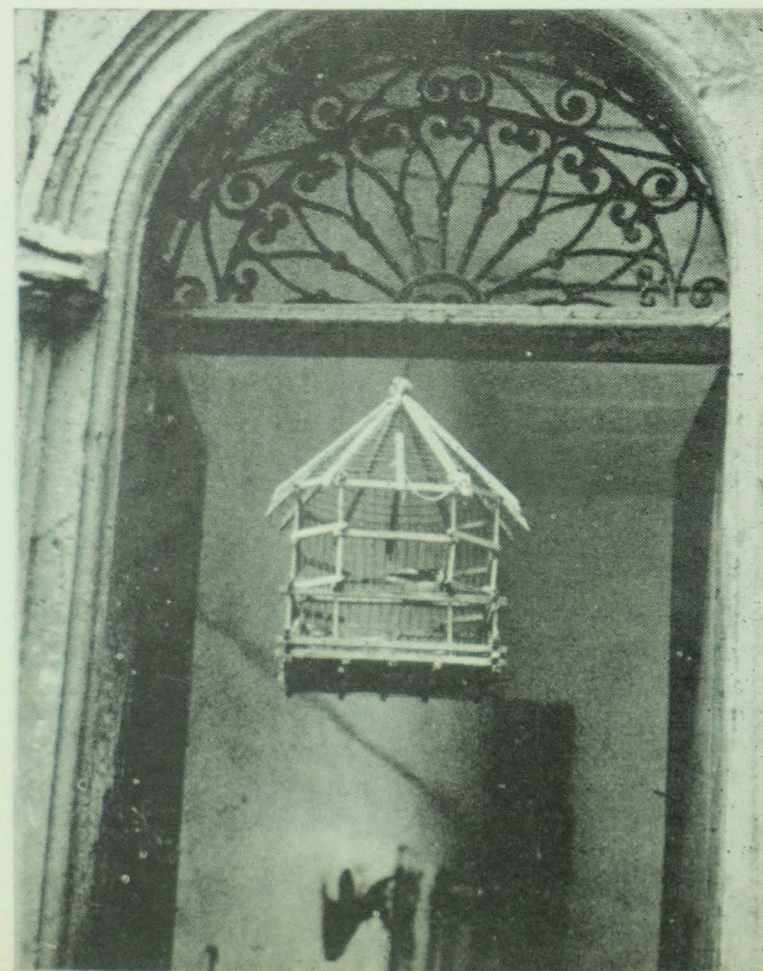
fácil é a exploração do fácil, isto é, a captação e a ênfase da primeira impressão, da exteriorização dos hábitos com a inevitável valorização do fútil, do banal. O caminho difícil, único desejável para os fins de uma criação artística, é o da percepção do TEOR DE HUMANIDADE que as coisas possam conter e que a composição formal possa expressar. Tanto o desenho, a pintura e a própria fotografia têm possibilidade para este desempenho, desde que se excluam da DOCUMENTAÇÃO e procurem os meios adequados da INTERPRETAÇÃO.

A presente série de fotografias de Fernando Goldgaber filia-se, no que posso perceber, ao sentido poético das fotografias de Pierre Verger, ao caráter expressionista das gravuras de Hansen e ao interesse humanístico da obra de Jorge Amado. Em nenhum exemplo surpreende-se F. Goldgaber preocupado com o belo agradável, fácil e efêmero. Para revelar, à nossa percepção, o teor estético de cada documentação, o artista impede ser a sua fotografia o simples fenômeno físico da técnica. Para isto prossegue no laboratório, nos recursos da reprodução e da ampliação, a tirar partido de efeitos inusitados a fim de nos trazer a visão cruenta da realidade estética. Agora chegamos a um ponto de melhor entendimento do trabalho de F. Goldgaber. Agora já podemos explicar que

instituto de arte contemporânea

CATÁLOGO ELIAS KAUFMAN

TIPOGRAFIA MEIER BLUMER LTDA.



evitando, e mesmo destruindo, a realidade empírica do processo fotográfico convencional, êle se habilita a construir um objeto, a fazer um produto, mediante o equipamento laboratorial fotográfico, ao nível do valor e do entendimento do desenho e da gravura.

Não se trata, pois, do documento fotográfico, mas de algo que elaborado pelo instrumental fotográfico desvia-se de uma finalidade utilitária e pragmática para atingir uma nova comunicabilidade e uma nova linguagem.

Certo é que as situações expressionalis estão sempre implícitas aos motivos. Isto é, foram vistas e surpreendidas nas coisas, porém começaram a falar, a comunicar-se, após e mediante a INTERPRETAÇÃO que lhes foi dada pela visão e captação do artista.

Por esta razão o «MUNDO DA BAHIA» de Fernando Goldgaber se constroe de mil coisas e de mil situações do submundo, do «Mundo Cane», do microcosmo de uma poderosa estrutura social, enfim, do território vivencial estético que não teme abrigar-se no lixo.

Raramente vê-se tanta ternura romântica quanto a da gaiola pendurada numa portada de sobrado antigo em decomposição. Poucos vêzes, mesmo na vida médica de hospitais, a úlcera tropical que destroe o nariz humilhou-me tanto quanto naquela visão do artista.

A capoeira sempre me pareceu uma dança, um esporte, um produto recreativo. Nas fotos de Fernando Goldgaber começo a perceber um novo sentido de necessidade humana, começo a compreender a CAPOEIRA em sua dignidade de manifestação artística.

A cabeça de boi na porta do açougue, as frutas na rua, as barracas e tôda aquela estranha humanidade de minha terra que há muito não via, ressurgem de repente dentro de meu espírito, em novas dimensões estéticas que agradeço aos truques e recursos do artista-fotógrafo.

CLARIVAL DO PRADO VALLADARES

instituto de arte contemporânea